

Palavra da Editoria

“Modelos: *Usos da Crítica da Forma em Psicanálise*” é o tema central da edição 03. de Contemporânea pelo interesse cada vez mais crescente da psicanálise em (*re*) pensar o sujeito e as elaborações teóricas enunciadas a partir dele, *reconsiderando*, principalmente, as aproximações com a filosofia, com a estética e a arte. Nessas dimensões, acreditamos, encontra-se espaço para a invenção e a renovação da linguagem, engendrando novas formas de desenvolvimento da psicanálise.

Nos textos que seguem encontramos distintos modelos teórico-clínicos para dar conta do humano. Os diversos enfoques ilustrados nesta edição enriquecem as reflexões e apresentam novos desafios para que os psicanalistas pensem, compartilhem das discussões, no sentido de (*re*) construir, transformar e ampliar o conhecimento psi.

Entre os autores que partem da complexidade como princípio inspirador encontramos Luis Hornstein que analisa as contradições entre vertentes reducionistas puramente biológicas, organicistas e deterministas no tratamento das depressões e os modelos atuais que exploram a multicausalidade, o pensamento complexo e a mente como sistema aberto e autoregulatório em constante troca com o ambiente. Problematisa as relações entre a psiquiatria e a psicanálise e propõe basicamente dois enfoques para o tratamento das depressões: o da farmacologia e o da psicoterapia. O modelo da complexidade também se faz presente nos textos de autoria de Fontanari, ao discutir as dimensões mítico-estética, emotiva e científica quando da criação ou refutação de modelos teórico-clínicos psicanalíticos. O autor acredita na hipótese de que a mente é mítica e baseia-se, principalmente, na obra de Bion, para argüir sobre o seu modelo conceitual. Ainda, com o grupo: Briani, Gazolla, Machado, Rezzadori, Dotto, Wagner, Dagnese, Souza e Leite, Fontanari retoma os principais conceitos da obra de Bion como a função-alfa e a gênese da consciência e do símbolo a partir do outro, como elementos de fundamental relevância para o trabalho clínico. Na mesma linha, Borghetti, relata a busca da consiliência, a partir de um caso clínico, usando de referenciais da neurociência e da psicanálise.

No segundo grupo de textos, os autores transitam pelas questões dos mitos, sonhos, contos de fadas que nascem em oposição ao uso abstrato da linguagem como tentativa de retratar algo que está para além das palavras. Dotta-Panichi, analisa o mito familiar e suas bases de repetição e transmissão na história transgeracional, destaca as manifestações do mito em *verdadeiro* ou *pseudomito* e relaciona a produção mítica à Estrutura Familiar Inconsciente. Severo, problematisa a escuta e interpretação do sonho quando contado na sessão vincular. Propõe que ele perde o seu caráter estritamente individual e produz, através do dispositivo vincular, outros sentidos e efeitos no outro(s) da intersubjetividade. Grinblat, estuda a configuração vincular do casal, leva em consideração a plataforma inconsciente como o organizador da relação em suas diferentes modalidades de intercâmbio, com ênfase nas questões da origem, do ideal e narcisismo. Já Fleck, conta a história de uma paciente chamada Cinderela e a forma pela qual juntas, paciente e terapeuta, construíram um *Conto Terapêutico*. Fortes, examina os investimentos libidinais narcísicos envolvidos na subjetivação de crianças e de adolescentes psicóticos – retrato visível na mitologia moderna, como na história do ogro moderno, Shreck. Gastaud, ilustra na “*Síndrome de*

Peter Pan” o processo de constituição de um falso-self e os investimentos transgeracionais envolvidos na fixação da subjetividade de uma menina de seis anos. Por fim, Ferraro também baseada na obra de Winnicott, analisa os fatores envolvidos no processo de luto pela morte materna na adolescência e na escassez simbólica para dar conta de um evento traumático, a dimensão do real invade a subjetividade e junto dela as dificuldades encontradas nestes tipos de tratamento.

Outros autores concentraram as suas produções teóricas na discussão da técnica como elemento indispensável ao *saber fazer* psicanalítico. Zuñeda-Peres, baseada na obra de Lacan, afirma que o sujeito está além das palavras e somente ocasionalmente mora nelas, para a partir daí pensar o processo psicanalítico. Na mesma linha, D’Incao, faz pensar sobre o significado do silêncio, ausência de palavras, na sessão. Considera que é na intersubjetividade que se formam espaços para que as palavras entrem em cena, preenchendo, nomeando vazios e abrindo novos caminhos. Na seqüência Padoan, destaca para as possíveis relações entre o conceito de transferência em Freud e o mito do eterno-retorno em Nietzsche. Para a autora, na transferência, é possível encontrar um outro destino possível para essa eterna repetição.

Nesta edição ainda incluímos uma sessão de Comentários Breves em que o escritor e pesquisador Donald Schüler, apresenta o texto *Por uma filosofia do buraco*, que instiga o leitor a pensar na relação do buraco com a filosofia e a arte e daí a invenção e a renovação da linguagem. Para Schüler, *linguagem que não se renova fecha o buraco, aniquila a vida*.

Convidamos, por fim, o leitor a observar como os textos desta edição foram atravessados pela questão do modelo mítico por se tratar do estético e do sensível que acompanha o impossível ofício de psicanalisar.

Boa leitura!

Renata Maria Dotta Panichi

Editora

Porto Alegre, Setembro de 2007